

## A TRA(D)IÇÃO DOS NOMES NA *LAVOURA ARCAICA*, DE RADUAN NASSAR

*Regina Céli Alves da Silva*

### RESUMO

Este estudo é parte integrante de uma pesquisa sobre o romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. Ao realizá-lo, consideramos, especialmente, o diálogo entre a tradição cultural e as vozes que a questionam sob o comando da memória do narrador em primeira pessoa que, ao contar sua história, monta a cena textual a partir do registro histórico-mítico que lhe compõe a face existencial.

**Palavras-chave:** etimologia, simbolismo e tradição.

Nesse romance, André, o narrador e também personagem, retoma a parábola do filho pródigo para contar, ele próprio, sua versão, pessoal e diferenciada de uma história que, tradicionalmente, fora sempre contada por outros.

Antes de iniciarmos a leitura dos nomes das personagens do romance, devemos apresentá-los e, para isso, escolhemos a mesa das refeições, pois a disposição topográfica dos assentos revela a estrutura da família de André, evocando profundos e antigos traços culturais. As pessoas ali sentadas, sentavam-se na raiz cultural e organizavam-se na “lei e na ordem”:

Eram esses os nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, em um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família. (NASSAR, 1982: 137-8)

Essa distribuição dos lugares à mesa retratava, no dizer do narrador, “caprichos do tempo” e definia a organização da casa, dividida em duas linhas: a da direita e a da esquerda.

A divisão DIREITA/ESQUERDA guarda em si um simbolismo que vem marcando, há muito, a civilização ocidental, sendo a DIREITA o lado masculino e a ESQUERDA o lado feminino.

Assim exposto, passamos à observação dos nomes dos membros da família, iniciando pelo de André.

“André, m. [...]. O fr. André provém do gr. Andréas, “viril, varonil”, pelo lat. Andreas.” (MACHADO, 1984: v.1, p. 133.)

André é também o nome do primeiro apóstolo, irmão de Simão Pedro, cujo pai chamava-se João, sendo o nome da mãe, tradicionalmente, Joana. (HASTINGS, 1905: 92)

Como o texto repousa também sobre uma base religiosa, isso faz com que essa escolha de nomes referentes ao contexto religioso seja extremamente significativa. Na Bíblia, André é o irmão de Pedro e ambos filhos de João. No texto, o mesmo acontece, sendo que a correspondência nomes bíblicos/nomes de *Lavoura arcaica* se verifica de forma bastante clara no tocante aos nomes dos irmãos, Pedro e André.

Vejamos o nome de Pedro:

Pedro, m. Do lat. Petru-, este do gr. Pétrós (S. Mateus, IV, 18), tradução aproximada de voc. Aramaico, Cep(h)as, que significa “rochedo”; em gr. Petros significa igualmente “rochedo”, pedra em lat. O cit. Cephas (Quefas?) foi o nome dado por Jesua a Simão Barjona (“filho de João”), o que provocou o célebre trocadilho registrado por S. Mateus: “et ego dico tibi quia tu es Petrus et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam” (XVI, 18). (MACHADO, *Op. cit.*:1148.)

Enquanto André é o viril, forte, vigoroso e potente, carregando no nome qualidades relativas ao homem e, mais ainda, ao herói, Pedro é a pedra, símbolo da força. E os dois são filhos de João, nome que consta no texto bíblico, mas que, em *Lavoura arcaica* recebe o tratamento Iohana, que parece ser a forma hebraica para João.

João, m., muito freqüente. Do hebr. Iohanán, com várias interpretações (“que Deus favorece”, “agraciado por Deus”, “O senhor deu graciosamente”, “a quem Deus mostra a graça”), pelo gr. Ioanes ou Ioannes e depois pelo lat. Jo(h)anne-, de Jo(h)annes. (*Idem.* v.2, p.829)

Embora o nome da mãe não apareça textualmente – o que nos leva a pensar numa falta de identidade –, podemos aceitar que o fato de o pai chamar-se João faz com que, tradicionalmente, a mãe seja Joana, reconhecendo, neste procedimento, a identificação da mãe embutida na do pai ou, por ser apenas designada como mãe, sem nome, cumpre o trajeto simbólico da grande MÃE.

Os nomes dos outros cinco irmãos reafirmam, também, a posição ocupada por cada um dentro da casa.

Na linha do pai, constatamos:

“Rosa, 1<sup>o</sup>) lat. rosa; 2<sup>o</sup>) abrev. de n. como Rosamunda.” (GUÉRIOS, 1981: 214)

Acerca do nome Rosa, quando pesquisamos em diversas fontes, encontramos sempre esta referência à flor da roseira e sua simbologia. Recorremos, então, ao dicionário de símbolos para, primeiramente, saber o que, genericamente, simboliza a flor e encontramos:

Embora cada flor possua, pelo menos secundariamente, um símbolo próprio, nem por isso a flor deixa de ser, de maneira geral, símbolo do princípio passivo. O cálice da flor, tal como a taça\*, é receptáculo da atividade celeste... (CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, 1989: 437)

Zuleika, de origem árabe, tem os seguintes significados:

Zuleica, ar. Zuleikha: “gordinha, roliça”,...(GUÉRIOS, *op.cit.* p. 259)

Zuleica, f. [...]. O nome tem aspecto de dimin. Árábico. Poderá sê-lo de Zulaigâ, “pêssego”. (MACHADO, *op.cit.*, v.3, p.1502)

Rosa é a flor, ZuleiKa é o fruto, cuja correspondência simbólica é a seguinte: “Símbolo de abundância, que transborda da cornucópia da deusa da fecundidade ou das taças nos banquetes dos deuses”. (CHEVALIER, J. & GHEERBRANT. *op. cit.*, p. 453)

Se, por um lado, os adjetivos “roliça” e “gordinha” imprimem no nome de Zuleika uma significação inexpressiva, confirmando seu papel secundário na estrutura da casa – assim como Rosa que, ligada à flor, é um princípio passivo –, por outro, por sua referência ao fruto, significando abundância, contextualiza-a no meio rural onde vive. Ambos os significados se completam, dando à Zuleika, também pelo nome, uma posição de conformação e submissão dentro da ordem familiar.

O nome de Huda é o de mais difícil compreensão, por não o encontrarmos grafado desta forma e, sim, como Hulda.

Hulda, 1<sup>o</sup>) hebr. Talvez: “constante, estável, firme”; 2<sup>o</sup>) al. Hulda, Holda: “benigna, benévola, afável”; cf. huld: “graça, favor, mercê”. (GUÉRIOS, *op.cit.* p. 144.)

Hulda, f. [...]. Whithycombe registra Huldah (que tira do voc. Hebr., com a significação de “doninha”). Ou será o ingl. Hulda de origem nórdica (Huldr, “coberto, tapado”)? (MACHADO, *op.cit.*, v.2, p.787.)

Parece que, ao contrário do pai, que, de João passou a Iohana, recebendo um tratamento árabe, Huda sofreu uma simplificação, talvez por corresponder a uma tentativa de adaptação do vocábulo árabe, Huldah, para a língua portuguesa. E, pelos adjetivos (constante, estável, firme, benigna, benévola, afável) ou, pelos substantivos (graça, favor), completa, com suas irmãs, Rosa e Zuleika, o registro feminino de total aceitação das ordens do pai.

Ana, como as outras três irmãs, ocupa na casa um espaço secundário, com a diferença de ser ela, na análise de André, “um enxerto junto ao tronco” (*Lavoura arcaica*, p. 137), pertencendo, assim como ele e Lula, à linha da mãe.

Ana, hebr. Hanah, Hannah: “graa, clemência, mercê”. (GUÉRIOS, *op.cit.* p. 57)

Ana, f. Do hebr. Hanah, “graça”, isto é, “graciosa”, pelo gr. Anna e depois pelo lat. Anna [...] “Ele (= Deus) favoreceu-me” (MACHADO, *op.cit.*, v.1, p.128)

Lula, por sua vez, nos pareceu, a princípio, um apelido para Luís, mas como não podíamos afirmá-lo, preferimos considerá-lo como um nome próprio em si e encontramos: Lula, do ar.: “pérola”.(GUÉRIOS, *op.cit.* p.165)

Com essa alusão à pérola, o irmão mais novo encerra em seu nome um feixe de significados amplo e perfeitamente compatível tanto com sua posição de filho caçula (a pérola designa a criança (CHEVALIER, J. & GHEERBRANT. *op.cit.*, p. 713) quanto com sua posição dentro da ordem da casa. Formado na interioridade da casa (concha), tem valor próprio. Ele vive dentro da cas(c)a, mas quer dela sair.

A partir dessa pesquisa onomástica, compreendemos que, entre os membros da família, apenas quatro deles (André, Ana, Lula e Iohána, o pai) fizeram a leitura integral de seus nomes, com uma ótica própria e individualizada, assumindo suas identidades. Os demais lavradores (Pedro, Rosa, Zuleika e Huda), a nosso ver, aceitaram passivamente as identidades que lhes foram dadas, sem, contudo, perceberem em seus nomes as outras referências neles contidas.

Comecemos pela linha da direita, verificando o nome de Pedro, que é a pedra:

A pedra e o homem apresentam um movimento duplo de subida e de descida. O homem nasce de Deus e retorna a Deus. A pedra bruta desce do céu; transmutada, ela se ergue em sua direção. [...]. A pedra talhada não é, com efeito, senão obra humana; ela dessacraliza a obra de Deus, ela simboliza a ação humana que se substitui à energia criadora. A pedra bruta era também símbolo de liberdade; a talhada, de servidão e trevas. (*Idem*, p. 696.)

Talhado pelas mãos do pai, Pedro, o primogênito, reveste-se de energia humana, tornando-se servo das vontades paternas e mero repetidor de suas atitudes. Ele perde a energia sagrada da criação que lhe é conferida pelo nome, ficando incapaz de erguer o próprio templo (casa/abrigo daquilo que ele é).

Rosa é a flor e, segundo René Guénon, “há uma equivalência entre a flor e os outros símbolos, [...] em especial, o da roda” (GUÉNON, 1984: 63.) cujo simbolismo contém, entre outras, as seguintes significações:

A roda participa da perfeição sugerida pelo círculo, mas com uma certa valência de imperfeição, porque ela se refere ao mundo do vir a ser, da criação contínua, portanto da contingência e do perecível. Simboliza os ciclos, os reinícios, as renovações... (CHEVALIER, J. & GHEERBRANT. *op.cit.*, p. 783)

Por essa equivalência simbólica com a roda e por ser a rosa também um símbolo da “ressurreição”, (*Idem*, p. 788.) concluímos que o nome de Rosa não é apenas caracterizado pela passividade – único dado que ela incorpora à sua biografia –, mas contém, ainda, uma referência à renovação, e à criação, embora essas características não desabrochem na personagem.

O mesmo acontece com Zuleika que, enquanto ligada, de modo genérico, ao fruto, reafirma o contexto rural em que vive, pois simboliza a abundância, mas, tomando a simbologia do pêssego, em especial, ela pode também estar revestida de um novo recomeçar.

Freqüentemente, o pessegueiro – e o pêssego – são símbolos de imortalidade. [...]...certas versões fazem dele um *Jardim da imortalidade*, uma espécie de Éden do novo nascimento, o que identifica o pessegueiro com a *Árvore da vida* do Paraíso terrestre, ponto de chegada aqui da viagem de iniciação. (*Idem*, p. 715)

Zuleika carrega consigo, no nome, a oportunidade de um no-

vo recomeço, uma nova iniciação, capaz de lhe dar uma atuação diferente na conjuntura da casa.

Huda, por sua vez, é a benévola, a benigna, mas é, também, a doninha – referência que tanto lhe reafirma essas características quanto é capaz de se converter numa possibilidade de ela assumir um papel diferente na ordem familiar.

Em todas as narrativas irlandesas do ciclo de Ulster, a mãe do rei Conchobar tem o nome de Ness, **doninha** (mustelídeo europeu muito parecido com o furão brasileiro). Ela é, em primeiro lugar, uma **virgem guerreira**. Mas pode simbolizar, por outro lado (positivo), **a afeição e a vigilância**, e, por um lado negativo, **a inconstância ou a astúcia**... (*Idem*, p. 348)

Verificamos assim que, se assumisse a simbologia da doninha, Huda poderia também ser referida pelo afeto materno que impulsiona os irmãos da linha da esquerda e, ainda, pela astúcia ou inconstância, permitiria a si própria uma mutabilidade e variabilidade na postura que lhe é imposta pela lei paterna.

Os outros lavradores compõem, com os seus nomes, identidades próprias, reafirmando suas simbologias.

O pai, Iohána, é o favorecido por Deus, a quem Deus deu a graça, ele é o pai/Pai consagrado, que traz em si a responsabilidade de garantir a ordem da família; ele tem a tábua da lei.

André, por sua vez, é o viril, o varonil, aquele que tem a coragem de enfrentar os desígnios do pai e, assumindo a força contida na sua identidade, parte da casa paterna em busca daquilo que ele é.

Lula, o irmão mais novo, é a pérola e guarda a seguinte significação simbólica:

Nascida das águas ou nascida da Lua, encontrada em uma concha, a pérola representa o princípio Yin: ela é o símbolo essencial da feminilidade criativa. [...] A pérola é o atributo da perfeição angélica, de uma perfeição, entretanto, que não é dada, mas adquirida por uma transmutação (*Idem*, p. 711)

Enquanto Lula irá buscar um novo nascimento e, conseqüentemente, um novo registro, Ana – mesmo pertencendo à linha da mãe e compondo com ela um “enxerto junto ao tronco” – deixa-se aprisionar pelas significações de seu nome e, também, por estar referida no próprio nome do pai – IOH (ÁNA). Impotente para renascer, ela

morre, imolada pelas mãos do pai.

Com essas observações, concluímos a leitura simbólica dos nomes das personagens de *Lavoura arcaica*, procurando mostrar como, mesmo em relação à escolha dos nomes, o romance é estruturado de forma que, aos valores tradicionais, cristalizados ao longo do tempo, na história da cultura ocidental, impõe o registro de vozes diferentes e dissonantes, que buscam romper com as amarras que teimam em limitar a experiência existencial dos seres humanos.

#### BIBLIOGRAFIA

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. vera da Costa e Silva, raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

GUÉNON, R. *Os símbolos da ciência sagrada*. Trad. de J. Constantino Kairalla. São Paulo: Pensamento, 1984.

GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HASTINGS, J. *A Dictionary of the Bible*. New York: Charles Scribner's Sons, 1905. 5 V.

MACHADO, J. P. *Dicionário onomástico e etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1984. 3 V.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.